

*Folheto 101*

DESENGANO

FELIZ

PARA OS

PORTUGUEZES,

QUE NECESSITAREM DELLE.



1259

---

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1809.

*Com Licença.*

DESENGANO

FELIX

PARA OS

PORTUGUEZES.

QUE NECESSITAREM DELLE.



---

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1809.

Com Licença.



obediência , com a união , com a vida , e com os bens para a execução das providencias , que elle dispoz. Se em geral he devida esta consideração a qualquer Governo legitimo ; com quanta particularidade a devemos ao nosso actual ! Elle he composto de Governadores distinctos em Patriotismo , em caracter , em conhecimentos , e valor. Elle quando reassumio seu exercicio , achou vazios o Erario , os Arsenaes , os Cofres públicos , e particulares ; nenhum Exercito na Corte ; o Povo faminto , e desarmado. Elle se dá a hum incessante trabalho , as suas Sessões não são limitadas ao tempo de repousar ; este he arbitrado pela exigencia dos negocios , e finalmente dentro em quatro mezes consegue ter toda a Nação em Armas ; põe na Extremadura , e Beira hum Exercito regular de 70 mil homens entre Tropas de Linha , e Milicias ; expede o auxilio de 6 mil homens ; organisa novos Corpos nas duas Armas ; dá ao Exercito melhor formatura ; dá-lhe Regulamento , e Instrucções ; escolhe , conserva , ou promove os Officiaes mais habéis ; vai pagando dividas urgentes , que a Justiça , e a Piedade requer a favor da viuva , do orfão , das familias consternadas ; dos Officiaes reformados ; emprega os operarios , ama a virtude , despreza o vicio , castiga o crime , sustenta fielmente a intelligencia , e harmonia com as Potencias Alliadas. Mal que huma acção menos prospera altera , ou interrompe a serie das victorias da Hespanha , elle cuida prudentemente em apromptar a Nação para resistir aos inimigos , traça as linhas de defeza , marca os pontos de reunião , colloca as Artilharias , mette em fervorosa actividade os trabalhos da munição , do armamento , e fortificação ; e com singular louvavel madureza faz preparar , e dispôr todos os meios de recurso para salvar , em hum infortunio extremo , o precioso da Nação. Que mais se podia fazer em tão breve tempo ! E de quem tanto tem feito , quanto pôde esperar-se ! Huma decidida confiança neste Governo não he , além de hum dever , hum tributo de gratidão ?

Não haverá hum Portuguez honrado , que assim não pense : com tudo como ao nosso pensamento he livre voar aos Gabinetes , entrar na escuridão do futuro , vagar no es-

paço das conjecturas, e, segundo o poder da razão que o guia; descobrir a verdade; ou perder-se entre illusões; he necessario, Patricios meus, que removendo paixões, prevenções, sustos, e malicia, vamos pelo caminho franco do nosso raciocinio procurar o desengano, resolvendo os seguintes Problemas:

I.

*Se Napoleão quizerá entrar em Portugal, e para que fim.*

**N**Apoleão, vendo cair por terra os pomposos castellos de esperança, que o seu Egoismo traçava, e erigia sobre os caleçados hombros dos Escravos Francezes, espumou de raiva; e quizeria reproduzir-se em Exercitos para sacrificar á sua vingança: qual ferido bravo toiro cegamente persegue o Contendor, assim accommette elle Hespanha, cujos espteros Generaes, e prudente Governo, não lhe esperando o furioso choque, lhe franqueão terreno em que elle vá enfraquecendo de recursos, de subsistencia, e de forças; e deste modo estará no fim do Inverno destruido quasi todo o Exercito Francez; achando-se o Nacional augmentado, e habil para o detrotar inteiramente, e para fazer o mesmo a qualquer reforço, que na Primavera intente passar áquem dos Pirineos. Ficando aberto, neste tempo, o passo para Portugal, poderá quadrar-se com a orgulhosa ambição do Tyranno o invadir este Reino; conhecendo porém que não póde manter aqui o seu Exercito, e a Nação, para a qual apenas chegarião os viveres que temos, e que não deve ao mesmo tempo consentir aqui os mais pequenos meios para nova insurreição; o seu systema será vir promettendo paz, perdão, e protecção; e logo que esteja dentro desarmar-nos, extorquir tudo e a todos, agrilhoar a mocidade, matar os Ecclesiasticos, mulheres, velhos, e crianças para diminuir o numero dos consumidores, ou fazer o mesmo que fez o pérfido Galba, que passou á espada 30 mil Lusitanos depois de os enganar, e desarmar. Se alguem espera outra sor-

te no dominio Francez , depois de o experimentar por 9 mezes em circumstancias menos proprias a irritar a tyrannia , espera , e discorre muito mal , ainda que tenha o privilegio de espia ; pois he regra geral , e natural , amar-se a traição , e aborrecer-se o traidor. Quererá pois para este fim Napoleão entrar em Portugal.

## II.

*Que forças precisa Napoleão para invadir Portugal,  
e se as poderá ter agora.*

**T**odos conhecem que presentemente está a Peninsula na vantagem (pela Alliança d'Inglaterra) de ter a exclusão dos mares ; e por isso não podem os Exercitos Francezes avançar-se , sem que fiquem no perigo de serem cortados por Tropas suas inimigas desembarcadas em qualquer porto para a sua retaguarda. Partindo deste principio verdadeiro , he certo que Napoleão para entrar em Portugal precisa de hum Exercito , que sustente aberta a comunicação com França : esse Exercito deve constar ao menos de 80 mil homens , sendo ainda assim temerario obstaculo a mais de 800 mil , que Hespanha terá em Armas ao Sul , Meio dia , e Norte ; precisa mais de 40 ou 50 mil homens para defender os portos maritimos ; e ao menos 50 mil para a conquista de Portugal. Por este cálculo favoravel aos Terroristas deve Bonaparte ter em Armas na Peninsula 170 a 180 mil homens. Mas aonde irá elle recrutarlos ! Donde os conduzirá ! Se nos recordamos da imberbe rapaziada , que entrou neste Reino em 1807 , e de que já a Nação depois disso em Julho de 1808 lhe pediu conta de 200 mil homens aniquilados na Hespanha , e Portugal , podemos ajuizar qual será o seu viveiro de Recrutas , e podemos concluir affoitamente que elle não pôde (apezar de violentos esforços) pôr no campo mais de 100 até 120 mil homens para a guerra do Occidente. Se o Impostor podesse aproveitar-se das guarnições , com que no Norte , na Italia , e em Paris esteia o Dispotis-

mo, e substituíllas com fraudulentos Gazetas, teria nesse manejo hum recurso; mas os tempos da cegueira findá-rão; todos conhecem Napoleão, todos tem direito a des-truillo, porque he para todos hum mal; a natureza op-primida, forcejando para reagir, bem diz, e convida os desvéllos, que adejão em torno das occasiões, pa-ra a vingança; os poderosos motivos da insurrecção em Portugal são os mesmos na Europa toda roubada, inquieta, tyrannisada. E quererá o cruel arriscar o dominio de hum novo Imperio, que tanto tem custado á sua intriga, pela incerta posse de Portugal, maxime depois de estar desenganado que esta não decidirá da prosperidade Brita-nica!

O Imperador da Russia, cuja amizade Napoleão tem subtrahido, já a esta hora o conhece, e não lha conti-nua: senhor de hum vasto Imperio legitimamente herda-do não quererá augmentallo com territorios usurpados, di-minuindo a gloria de seus Ascendentes, e perdendo a tranquillidade do seu espirito com o remorso de hum rou-bo; elle se envergonhará de dar suas Mãos a hum ladrão, que ao mesmo tempo, que lhas aperta, deseja cortar-lhas para o roubar a seu gosto.

Não he possivel a Napoleão por modo algum juntar a Força necessaria para conquistar, ou invadir Portugal.

### III.

*Se Portugal se póde oppôr á invasão: e se póde por al-gum motivo ser inefficaz esta opposição.*

**Q**UERO conceder, que o Orgulhoso ou com as forças que tem por temerario, ou com menores desespera-do, ou com maiores intrepido, e arrogante decida pene-trar em Portugal. Devemos por isso assustar-nos! Impá-vidos, e piedosos o esperaremos para vencello, e dar-lhe sepultura. Sim, Portuguezes, mais de 500 mil braços te-mos armados, e armados os corações; a Natureza nos preparou a cada passo baluartes, propugnaculos, reduc-

tos, trincheiras, e muralhas nas montanhas, nos bosques, e nos rios do nosso paiz; a vigilancia do Governo aperfeiçoa, melhora, e multiplica as vantajens desta fortificação com as da Arte: e ao abrigo dellas não poderá hum Portuguez matar hum Francez, antes que este lhe faça o mesmo? He certo que sim. Logo fica indubitavel; que 100 mil Portuguezes podem matar outros tantos Francezes, e podemos por consequencia extinguir o Exercito destes, sempre que tenhamos igual número de homens armados. Se este argumento convence, dadas iguaes Forças, isto he, igual número de guerreiros: que será, tendo nós, como temos, mais de 500 mil contra 40, 60, ou quando muito 100 mil invadentes, deveis, famintos, e fatigados! Não posso crer que Bonaparte deixe de revogar o intento da invasão, quando souber que Portugal está prompto, resolutto, constante para se lhe oppôr: e se o contrario elle fizer, causar-nos-ha rizo a sua pertinacia; assim como nos fará vergonha, e compaixão, que Portuguez algum por isso trema, e aterrado queira fugir de seus lares affeitos á constancia, ao triumpho acostumados.

„ Não se regulão com essa exactidão na pratica os  
 „ detalhes da guerra, dirá o melancolico estadista, ou o  
 „ temeroso avarento; eu vejo Imperios subjugados em  
 „ poucos dias por hum Exercito Francez; eu não fico  
 „ desenganado, eu persisto no meu temor. „

Argumentos do prodigioso progresso de Bonaparte até Abril de 1808, lhe responderei eu, não valem para deduzir conclusões veridicas do futuro. A brilhante cadêa de victorias, com que elle agrilhoou a maior parte da Europa, era formada da molleza, ou da venalidade dos Ministros, e dos Generaes: as baionetas, com que abria a marcha desde as Fronteiras até ás Capitães erão de oiro; mas ellas se entortão, e quebrão na dura integridade, no sólido Patriouismo dos Governos e Povos Occidentaes, prevenidos pela experiencia contra a seducção. Então nem todos conhecião Bonaparte; esperava nelle alguem; a mascara da hypochresia occultava o tyranno, disfarçava o ímpio; agora porém que ella está rota, apparece hum lacrão, hum Tigre sedento de sangue humano, hum Mysantropo feroz, que abomina os homens, como taes, e

sómente os conserva como entes indispensáveis para lhe manter as bases da imperiosa Authoridade, que são a força, e a escravidão. Então finalmente fazia Napoleão a conquista de huma Nação na derrota do primeiro Exercito, com que ella se lhe oppunha; agora cada huma das Nações, a que investe, he hum Exercito formidavel, com que elle não póde competir. Ainda que todos os preteritos triunfos fossem puro fruto dos seus talentos militares, e politicos, estes mesmos serão insufficientes para o conservar atinado, para lhe dictar planos de defeza, e de ataque na vastidão da Hespanha, que por todos os lados lhe faz a guerra, que lhe antepõe a cada passo obstaculos, diversos, precipicios, mortes, tendo inexauriveis recursos para multiplicar estas operações, já em si mesma, já na alliança de Inglaterra: e se elle ousasse introduzir-se em Portugal, que Tatica lhe seria efficaç, ou propria para salvar-se, quando pela frente, pela retaguarda, e pelos flancos os rochedos, os oiteiros, e os valles lhe vomitassem columnas de valentes Transtaganos, de intrepidos Beirões, de sanhudos Minhotos, de bravos Transmontanos, de valorosos Extremenhos!

Factos, são menos, noticias contrarias allegará contra a minha resposta o tímido illudido: „O Exercito Francez, dirá elle, vem talando a Galliza, e o Inglez fugitivo abandona o Continente. „

Se as noticias, lhe tornarei eu, são o fundamento da sua opinião, já teve algumas de que Hespanha esteja subjugada, ou derrotados seus Exercitos? Não: então não lhe parece, que a ruina do Exercito Francez se lhe vai aproximando mais, quanto mais elle se entranha no paiz inimigo, que está em disposição, e força superabundante para o tornear! Não convém ás suas conjecturas, que, não devendo Inglaterra desamparar neste momento a Península, a inesperada retirada, e mesmo o embarque do seu Exercito seja para o ir desembarcar nos portos, que ficão para a retaguarda do Francez, que será por este movimento ou cortado, ou ao menos divertido! Não resta já, com que nevoar o desengano.

O unico motivo, que póde transornar o resultado das vantagens, que abonão a nossa segurança, está em

nós mesmos, isto hé, na nossa degeneração: se consentirmos, que a intriga dos Partidistas Francezes rompa a nossa união patriótica; se cobardemente entregarmos os pescoços aos alfanges, aos grilhões os pulsos; se....; mas que digo!... Isso não he possível. Se algum Portuguez assim deliberasse da sua honra, se algum de fraqueza desse indicios; nós veríamos surgir das sepulturas os nossos venerandos Antepassados, e fitando os olhos accezos de ira, ou arrazados de agua nos pusilames, nos fugitivos, lhe dirião: que he isto! Quereis dos nossos Netos ser Netos, e não nos imitae? Quantas vezes cercarão nossas fronteiras Exercitos superiores aos nossos, abundando em forças para atacar-nos, quanto nós para a defeza as percisavamos? Mas esta desigualdade em vez de amedrontar-nos, até nos era preciosa, como occasião para abalisar-se o nosso valor, para celebrar nossas victorias, para respeitar a nossa fama. Quando foi que não resistimos aos inimigos da nossa independencia, e que a final os não vencemos? A Lusa Historia, que vos honra, vos grita, e vos ensina. Eu que era hum Pastor, diria o grande Viriato, não comeei as lidas bellicosas com duzentos amigos, e não desfiz quatorze vezes os Exercitos Romanos, de que o Mando tremia! Estava então a Patria desarmada; e de trinta mil Patricios o innocente sangue era o unico, o eloquente Governo, que á Lusitania proclamava, que lhe prestava auxilios. Vós que estaes armados, que tendes quem sabiamente vos dirija, quem promptamente vos socorra, temeis, duvidaes da vossa sorte! Em fim, exclamarião todos os nossos Heroes, sois, vós sois a nossa affronta: e, voltando as costas, baixarião magoados ás tenebrosas campas.

Mas não, não serão deslustradas suas cinzas com acções indignas dos seus Descendentes os honrados Portuguezes: se algum vacillou até aqui por estar illudido, elle firmará sua constancia neste desengano; e ficaremos todos geralmente convencidos de que, sejam quaes forem os impulsos inimigos, huma Nação, que tem mais de 500 mil homens armados, e de mais a fraternal alliança de Hespanha, e de Inglaterra, ou ha de ser de Bonaparte temida e não pizada, ou vencedora. E para que o Ty.

ranno nem inquietar-nos , ou ameaçar-nos intente , cortemos a esperança , que possa ter da nossa desgraça : sejamos hum só Corpo todos os Portuguezes , sendo hum mesmo o enthusiasmo , aprendamos , e observemos huma ordem militar , que nos faça proveitoso o uso das armas , e applicação das forças ; obedeçamos aos Chefes , que nos der o Governo ; a obediencia he a mola de roda a Tatica ; lembremo-nos , que o meio de não ser vencido he matar os Inimigos , e que para este fim são as Armas ; não desmaiemos á beira dos perigos , de que o Heroe tem ambição , porque busca nelles este titulo ; he entre elles que se crião , e se colhem os loiros mais frondosos ; hum desastre referido , ou presencado não possa aterrar nos ; huma victoria não nos lisongee , nem nos illuda excessivamente : nesta aproveitemos proporções para outras ; daquelle aprendamos a prevenir segundo. Firmes nestes principios , e nos da nossa Religião , fiéis ao nosso Soberano faremos a gloria desta Nação , seremos o terror da França , da Europa exemplo , do Mundo espanto. Lisboa 20 de Janeiro de 1809.

J. M. P.

tanto nem indubitados, ou amesacar nos seguintes  
 mos a esperanca, que possa ter de nosa deidade; e  
 mos hum se Corpo todos os Portuguezes, sendo hum  
 mesmo o enthusiasmo, aprendimentos, e observações huma  
 ordem militar, que nos faz previnir o uso das armas,  
 e applicação das forças; e obediçães aos Chefes, que  
 nos dar o Governo, e obediença de a mais de todos a  
 Tactica; tambem nos, que o modo de nos ser vencido  
 he mais de inimigos, e que partem de nos. Ar-  
 mas; não desistamos a bens dos perigos, de que o ho-  
 me tem ambição, porque basta nella que tanto, de en-  
 tre elles que se enão, e se colhem os honras mais hon-  
 dora; hum desastre referido, ou presencado, não possa  
 agraar nos, huma victoria não nos honrar, nem nos il-  
 luda excessivamente; nãta agraar nos propozes para  
 outas; dequelle aprendamos a prevenir segundo. E nãta nes-  
 tes principios, e nos da nosa Religião, fideis ao noso so-  
 berano tãmos a gloria desta Nação, seremos o terror da  
 Franca, da Europa exemplo, do Mundo espana. Lisboa  
 20 de Janeiro de 1809.

J. M. P.

1809